

SUBALTERNIDADE E FICÇÃO CONTEMPORÂNEA: DIÁLOGOS, PROBLEMAS

Paulo César Oliveira¹

RESUMO: Este artigo discute introdutoriamente o tema da subalternidade, seus limites e alcances, a partir da leitura de textos políticos e fundadores do pensamento latino-americano em diálogo com três obras literárias contemporâneas. Objetiva-se pensar a questão da subalternidade e do marginal sob o ponto de vista das novas configurações sociais e como fenômeno crítico-teórico, em que o caso da literatura é exemplar na representação da alteridade. Leituras de Silviano Santiago sobre Octavio Paz e Sérgio Buarque de Hollanda guiam nossa reflexão teórica. *Desde que o samba é samba*, de Paulo Lins; *O filho da mãe*, de Bernardo Carvalho e *Festa no covil*, de Juan Pablo Villalobos nos auxiliarão a pensar novas configurações do debate em torno da subalternidade.

Palavras-chave: Subalternidade. Ficção contemporânea. Teorias.

Subaltern studies in contemporary fiction: dialogues, problems

ABSTRACT: This article investigates the questions of the subaltern and its limits, supported by the readings of foundational texts in Latin-American thought, in dialogue with three contemporary novels. It aims at discussing critically and theoretically the subaltern and the marginal on the point of view of new social arrangements. Silviano Santiago's readings on Octavio Paz and Sérgio Buarque de Hollanda's works is our theoretical base. *Desde que o samba é samba*, by Paulo Lins; *O filho da mãe*, by Bernardo Carvalho, and *Festa no covil*, by Juan Pablo Villalobos will help us study the new configurations of the debate concerning the subaltern studies.

Keywords: Subaltern. Contemporary fiction. Theories.

Introdução

Em artigo de 1971, Roberto Fernández Retamar problematizava a questão da subalternidade e dependência literária e cultural na América Latina a partir da mítica personagem Caliban, de William Shakespeare. Retamar propunha um debate amplo sobre o

¹ Professor Adjunto de Teoria Literária da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). É Doutor e Mestre em Ciência da Literatura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Atualmente faz estágio de Pós-doutorado na Universidade Federal Fluminense, sob a supervisão da Professora Dra. Lucia Helena. É bolsista Pró-Cientista da UERJ, onde atua no Mestrado Profissional em Letras e coordena o programa de Especialização em Estudos Literários. Publicou *Poética da distensão* (Manaus: Muiraquitã, 2010) e *Leituras na contemporaneidade* (Belém: Editora Literacidade, 2014), em parceria com a professora Dra. Maria Cristina Ribas. Organizou as coletâneas *Memória e identidade* (Rio de Janeiro: Edições Galo Branco, 2011); *Diásporas e deslocamentos* (Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas; FAPERJ, 2014); e *Poéticas do contemporâneo* (Jundiaí, SP: Paco Editorial, 2014), todos em parceria com a professora Dra. Shirley Carreira. Líder do Grupo de Pesquisa CNPq "Poéticas do Contemporâneo" e Vice-líder do Grupo de Pesquisa CNPq "Nação-Narração" e pesquisador integrante do Laboratório Multidisciplinar de Estudos de Memória e Identidade da UNIABEU, fomentado pela FAPERJ.

que, no século XIX, determinaria a tensa relação do colonizado com o colonizador europeu. O pleito de autonomia frente aos antigos colonizadores, no campo político e na seara cultural, resultou nos processos de independência política, de um lado, e na busca de uma raiz cultural que se desprendesse da então árvore metropolitana, por outro lado. O Romantismo brasileiro pensou e ficcionalizou essa tensão, sem resolvê-la, e seus efeitos perduraram até o projeto modernista, que levou a questão à ideia de uma antropofagia-fonte a guiar nossos processos de reflexão sobre a dependência, cultural e política. Na contemporaneidade, as relações políticas e culturais globais requerem uma volta a esse passado dicotômico, mas as especificidades de nossos problemas também demandam uma reflexão mais apurada sobre os fenômenos do presente nas relações interpessoais, políticas e culturais.

O ensaio de Retamar expressava as tensões políticas da época em que foi publicado: de um lado, a presença dos Estados Unidos, que impunha um boicote econômico, político e cultural a Cuba, somente agora, em 2015, levantado; de outro, no âmbito das políticas mundiais, apontava o acirramento da luta ideológica entre o pensamento de esquerda e o de direita, fortemente marcados pela Guerra Fria que opunham norte-americanos à antiga União Soviética. Por alinhar-se ao comunismo de linha soviética, Cuba passava a ser uma ameaça materializada a poucas milhas náuticas da potência americana. O exemplar episódio da fracassada invasão à Baía dos Porcos (conhecida também como *La batalla de Girón*), em abril de 1961, foi o ponto culminante daquele estado de tensão, que resultou na derrota dos exilados cubanos anticastristas, financiados pelo governo americano, o que acabou consolidando, ideológica e politicamente, o regime de Fidel Castro, por um lado e, por outro, fez de Cuba uma espécie de Golias na luta contra o gigante imperialista.

Sabemos que as questões geopolíticas se estenderam ao campo das ideias e formaram todo um imaginário, que contaminou as lutas ideológicas na esquerda latina e se irradiou pelas áreas da cultura, especialmente a partir da romantização potente da revolução e da entronização de um dos líderes maiores da Revolução Cubana, Ernesto Che Guevara. Os campos político, econômico e militar dialogariam fortemente com o campo intelectual. A construção de um ideal revolucionário, concretizado na prática pela Revolução Cubana, foi decisivo para que uma ideia de “cultura de resistência” e de luta se estabelecesse no horizonte político das Américas. Para Retamar, essa relação entre dominador e dominado já teria sido alegoricamente representada por William Shakespeare, na figura de Caliban em relação a Próspero. As duas personagens sintetizariam as discussões acerca da herança colonizadora,

hegemônica em suas tensões com a jovem cultura em progresso, no caso, a cubana. Segundo Retamar, os efeitos dessas transformações já seriam sentidos nos debates sobre as relações entre política e cultura. Hoje, no momento em que se pensa a emergência de uma *World Literature*, as discussões estabelecidas por Retamar ainda subsistem de forma insuspeita, quando se pensa os limites e alcances dos aspectos políticos e culturais da globalização.

Este trabalho visa a discutir a questão estabelecida pioneiramente por Retamar e com ela trazendo à cena crítica problemas suscitados por algumas obras capitais que problematizam os caminhos e descaminhos da cultura na América Latina. A literatura é o espaço de interlocução escolhido. Como o espaço para a discussão dessas questões se faz pequeno diante da evidente complexidade do tema, elegemos alguns textos fundamentais para nos guiarmos nesta reflexão de caráter introdutório, cientes de que futuros trabalhos deverão suplementar os dilemas aqui apresentados.

Além das pioneiras incursões de Retamar, o jogo discursivo de Silviano Santiago (2006) em torno do pensamento de Sérgio Buarque de Hollanda e Octavio Paz nos fornecerá um modo de entrada na discussão encaminhada por esses dois intérpretes da cultura latino-americana. Com esses autores, tendo em vista o alcance de suas ideias em sua época e a capacidade delas iluminar o presente – e sempre com o olhar voltado para o campo da ficção contemporânea – pretendemos dar início a uma investigação cuja hipótese inicial focaliza o problema da subalternidade como elemento crítico que, em nossas terras, desde o movimento romântico até hoje, sustenta o potencial debate sobre o papel da crítica e da literatura na reflexão acerca de um ideal democrático de arte e cultura. As obras *O filho da mãe*, de Bernardo Carvalho (2009), no Brasil; *Festa no covil*, do mexicano Juan Pablo Villalobos (2012); e *Desde que o samba é samba*, de Paulo Lins (2012) sustentarão nosso diálogo com as teorias propostas. Outras obras e autores serão inseridos no discurso crítico, cada vez a exemplificação e a comparação se fizerem necessárias. Os temas da mobilidade e clausura, que vimos estudando há alguns anos nos dão a dimensão teórica que o trabalho visa a alcançar.

1. Campos minados

Em uma cena de *The tempest*, de William Shakespeare (1995, p. 38), Caliban protesta contra Próspero pelo roubo da ilha herdada de sua mãe:

The Island's mine by Sycorax my mother,
Which thou tak'st from me; when thou cam'st first

Thou strok'dst me, and made much of me: wouldst give
me
Water with berries in' t: and teach me how
To name the bigger Light, and how the less
That burn by day, and night: and then I lov'd thee
And show'd thee all the qualities o' th' Isle,
The fresh springs, brine-pits, barren place and fertile;
Curs' d be I that did so: all the charms
Of Sycorax: toads beetles, bats light on you:
For I am all the subjects that you have
Which first was mine own King: and here you sty me
In this hard rock, whiles you do keep from me
The rest o' th' Island.²

A passagem, também comentada por Retamar (1988, p. 29), é plena de sugestões interpretativas. Shakespeare cria uma Ilha imaginária onde Próspero aporta, com sua filha Miranda, depois de uma traição política. Lá encontra Caliban, a quem escraviza, após conquistar sua amizade e ensinar sua língua. A figura do conquistador é a de um ser ardiloso, sedutor e mágico, conhecedor de forças ocultas que subjagam o colonizado Caliban. Isso não impede o nativo de transgredir e desrespeitar as regras do usurpador. Caliban conserva a imagem de si como a de um Rei, lembrança de um período antes da queda proporcionada pela chegada do outro-invasor. É esse sentimento e memória da revolta que o faz constantemente buscar meios de vingar-se de Próspero. Este, por sua vez, chega à Ilha por conta das intempéries e vicissitudes da guerra política, após a traição de seu irmão Antônio, que lhe toma o trono de Milão. Próspero se vingará através de sortilégios, fazendo com que o navio onde o irmão e sua comitiva se encontram naufrague nos arredores da Ilha. Caliban sofre indiretamente os efeitos das guerras políticas travadas no campo dos colonizadores e não menos cruéis serão as consequências desta apropriação para o nativo. O processo de conquista, exploração e escravização de Caliban encena os processos de expansão colonialista: “o que é nossa história, o que é a nossa cultura senão a história, senão a cultura de Caliban?” (RETAMAR, 1988, p. 29).

² As traduções do original serão todas retiradas de: SHAKESPEARE, William. *A tempestade*. Porto Alegre: L&PM, 2015. Mantivemos o original, por conta da organização em versos, o que não ocorre na tradução aqui utilizada: “Esta Ilha é minha, pois a herdei de Sycorax, minha mãe, e tu a roubaste de mim. Quando aqui chegaste, me acarinhavas, e me tinhas em alta conta; davas-me água com pinhões de cedro; e me ensinavas como nomear as duas grandes Luzes: a maior, que governa o dia, e a menor, que governa a noite. E eu então te amava, e a ti mostrei todas as virtudes da Ilha, as fontes de água doce, as salinas, os pontos desérticos e as terras férteis. Maldito seja eu, que assim procedi. Que todos os feitiços de Sycorax, sapos, baratas, morcegos pousem em vocês, pois eu sou todos os súditos que o senhor tem, e antes era eu o meu próprio Rei. E aqui o senhor me prende, como porco confinado, nesta inóspita laje de pedra, enquanto tiras de meu alcance o resto da Ilha (SHAKESPEARE, 2015, p. 26-27)”.

Esse processo de exploração não se dá sem lutas. Caliban nutre uma revolta, embora impotente, que se manifesta, desde a tentativa de estuprar Miranda, filha de Próspero à blasfêmia proferida na linguagem ensinada a ele pelos colonizadores. Neste sentido, a resistência é um processo que envolve a violência original do estupro e a violência da linguagem exposta, por ele utilizada para praguejar contra o colonizador, conforme a fala de Caliban a Miranda (SHAKESPEARE, 1995, p. 39):

You taught me language, and my profit on 't
Is, I know how to curse: the red plague rid you
For learning me your language.³

Caliban lamenta não poder povoar a terra de “calibanzinhos”. Sua aquiescência aos desmandos de Próspero se deve ao medo da punição que este lhe impõe com sua magia. Caliban deve se resignar, mas não sem revolta e cinismo. A suposta aceitação dos desmandos não esconda sua natureza em permanente transgressão. A força bruta de Próspero revela a violência fundadora dos processos de colonização, enquanto a luta política desvela os processos de negociação e alianças, mas uma outra questão, a da linguagem, se faz também impor como instrumento de resistência. A fala de Caliban contraria a norma do inglês corrente à época de Shakespeare, evidenciando as mudanças na língua do colonizador que resultará na língua mestiçada que se formará nas áreas dominadas. A força bruta, por um lado, mantém as populações sob controle, mas a disseminação da língua, que se dá através de contaminações e apropriações, devidas ou indevidas, revela-se incontornável, fazendo com que, ao contrário da clausura imposta pela força, processos de mobilidade criativos, incontrolláveis, cínicos, subversivos e contraculturais diluem a norma e se mostram motores de resistência e transgressão. Nesse momento, consideramos urgentes as palavras de Fredric Jameson (2005, p. vii):

The English translation of these essays by Roberto Fernández Retamar ought to be the occasion for rethinking the relations between poetry and politics – or even between literary criticism and politics in a situation in which increasingly no one wants to think about that relationship any longer.

Por meio das questões levantadas a partir da leitura de Caliban como alegoria de nossa condição colonial, do ser-outro em uma relação hegemônica, de dominação, entendemos o problema levantado por Jameson, quando aponta o caráter político do texto literário como um elemento negligenciado pela crítica literária. Para Retamar (1988, p. 59),

³ “A senhorita me ensinou sua língua, e o que ganhei com isso foi que aprendi a praguejar. Que a peste vermelha acabe com vocês, por me terem ensinado sua linguagem” (SHAKESPEARE, 2015, p. 28).

fugir do embate político no texto literário não significa, por outros mecanismos, ter que ler a literatura como denúncia, mas sim conferir na matéria literária que saberes nos permitem compreender como a história oficial silencia e segrega certas formas de discurso. Uma literatura apenas preocupada com embates de linguagem pode, segundo Jameson, camuflar importantes movimentos de passagem, que apontam o leitor como agente de leitura privilegiado: em *A tempestade*, por exemplo, esses movimentos de passagem revelam dimensões históricas e políticas para as quais o texto shakespeareano já apontava e o leitor contemporâneo pode atualizá-las, trazendo para o debate sobre a questão da subalternidade, por exemplo, novas e inquietantes especulações. Prossigamos.

A questão da subalternidade remete o crítico ao problema do outro, da alteridade, da outridade. Essas nomenclaturas devem ser enunciadas fora de uma pretensa singularidade, ao contrário, é preciso mantê-las no campo das plurissignificações. Como falar, por exemplo, do colonizado como um outro? Esse outro, carrega dentro de si as peculiaridades, os mecanismos, as heranças culturais, linguísticas, estéticas, culturais, políticas, econômicas e filosóficas, dentre outras, daquele que se pretende o diferido na relação: o colonizador, com sua cultura hegemônica e seu passado de herança autoritária, chame-se isso de invasão, usurpação, genocídio etc. Também somos, por herança, cultural ou genética, frutos de contaminações, aceitas ou impostas, adquiridas pelos processos naturais de aquisição da língua e assimilação cultural, ou mesmo imputadas por um outro que se afirma como a diferença, mas que é parte de uma suposta unidade à qual também pertencemos. Ou seja: o povo que aqui se formou a partir da colonização passou a se ver paulatinamente como um outro, com mais força, a partir do segundo centenário da colonização. Em duzentos anos, nós, latino-americanos, já nos víamos como o elemento diferido em relação às áreas metropolitanas. Ao final do século XVIII pululavam movimentos de independência e no início do século XIX a separação política acabaria se materializando, originado as diversas repúblicas latino-americanas. No Brasil, a independência foi seguida da implantação de um regime monárquico, o Império, caso especialíssimo no panorama da América Latina.

Mas o que fez aquela população, a princípio surgida na mestiçagem entre colonizador e populações colonizadas e outras, diaspóricas, como no caso dos negros de África, se distanciar da metrópole a ponto de vê-la como o inimigo, o sujeito a ser destituído, rejeitado como o indesejável das gentes, já que também esse novo povo formado pelos processos de hibridação racial continha os elementos do dominador, o que a questão da imposição da

língua bem comprova. Por qual processo de decantação poderíamos separar os macro e microorganismos do processo multicultural e multifacetado que nos formou e ainda forma?

Jameson diz que é inerente ao Primeiro Mundo considerar evidentes e naturais certos processos de esquecimento. Esses processos se caracterizam por conceber a história pelo viés do notável e do singular, como se isso fosse consequências natural do estabelecimento de relações que são, ao contrário, marcadamente culturais, intrinsecamente políticas, econômicas e ideológicas. Falar da diferença, nesse sentido, fazendo uma tabula rasa de processos que são absolutamente históricos e que só no curso do tempo passado, em sua trajetória e no conhecimento de seus efeitos no presente podem ser reapropriados e redimensionados, significa naturalizar o que ideologicamente precisa ser desconstruído, redefinido, reapropriado. Deste modo, textos fundadores e que pensam a constituição das raízes latino-americanas pela imagem do labirinto, ao serem recuperados no presente, como o faz Silviano Santiago (2006), tornam-se leitura obrigatória para a colocação em debate de uma discussão sobre o problema da subalternidade.

2. Raízes, labirintos

A leitura crítica da obra de Sérgio Buarque de Hollanda e Octavio Paz por Silviano Santiago estabelece uma tripla articulação, que não perde de vista os textos-fonte em seu momento histórico, nem se furta ao olhar contemporâneo que, por conta dos efeitos da reapropriação teórica do passado no presente, acaba por promover um quarto leitor – no caso, nós, todos os que nos sentimos estimulados pelo debate – que deve contra-assinar os textos em diálogo, suplementando-os. A lógica do suplemento faz jus ao trabalho da escrita reflexiva por Santiago e é contra-assinando, portanto, que poderemos contribuir para que alguns problemas suscitados, tanto pela leitura crítica quanto pela leitura literária, constituam novos campos de saber nos sempre polêmicos debates sobre identidade e subalternidade.

Como dito, Santiago destaca inicialmente a distância temporal que separa *Raízes do Brasil* de *O labirinto da solidão* – a primeira obra, de 1936, ainda não se ressentia dos efeitos da Segunda Guerra, enquanto que o trabalho de Paz, de 1950, já continha os efeitos da polarização mundial que se seguiria ao conflito encerrado em 1945. Em seguida, rediscute as duas tipologias buscadas por Hollanda e Paz: o *barão* e o *pachuco*, respectivamente. Se Hollanda se concentra na figura dominante do *barão* e o elege como sujeito representativo de nossas construções sociais, Paz, ao contrário, vê a figura incômoda do *pachuco*, híbrida e

característica de um tipo de personagem: o sujeito desterritorializado. Se o *barão* situava-se na linha de uma espécie de Próspero moldado ao Sul do continente americano, já ao norte Octavio Paz vê no *pachuco* uma modalidade de Caliban, inserido na cultura norte-americana, que se torna dominante após a Segunda Guerra. Ambas as representações traduzem o problema da afirmação da personalidade, embora em searas diversas: “Os dois intérpretes deveriam eleger no catálogo *alguém* que, sendo singular, fosse um tipo humano; alguém que, no contexto ocidental, viesse a ser o mais apropriado dos possíveis representantes da atualidade civilizacional latino-americana” (SANTIAGO, 2006, p. 23).

Esses sujeitos desterritorializados e reterritorializados sintetizam a falta de coesão social, no caso brasileiro, e a dessimetria das relações interpessoais, no caso dos mexicanos vivendo na vizinha potência dominante, os Estados Unidos. Se o *barão* concentra em si excessivos poderes, na conjuntura política e econômica brasileira, o *pachuco* representa o deserdado e desterrado, reconhecido como trabalhador braçal e cidadão de segunda classe na discricionária sociedade americana. Para ambos os pensadores, o lugar da subalternidade é determinado ora pelo viés dos que detêm o poder (Hollanda) ora daqueles que sobrevivem à margem das estruturas hegemônicas, a ela aderindo e se contrapondo (Paz), como híbridos incômodos e desestruturantes.

No Brasil, o caso do malandro pode servir de paralelo para algumas homologias com o tipo pensado por Octavio Paz. Em *Desde que o samba é samba*, de Paulo Lins (2012), uma galeria desses sujeitos-malandros comporá a trama do romance, como veremos na última seção de nosso trabalho. Já em *O filho da mãe*, de Bernardo Carvalho, a questão do sujeito híbrido pode atualizar as relações estabelecidas nas duas versões, a do *barão*, em Hollanda, e a do *pachuco*, em Paz, pois a questão do pertencimento no romance nos revela algumas aporias do discurso sobre a identidade e suas margens. Em *Festa no covil*, do mexicano Juan Pablo Villalobos (2012), as dicotomias estabelecidas pelas oposições margem/periferia, centralidade/subalternidade, cultura hegemônica e cultura periférica requerem novos encaminhamentos e reflexões. A figura do narcotraficante poderoso não se amolda, nem aos critérios hegemônicos representados pela figura do *barão*, nem aos lugares da exclusão pelos quais o *pachuco* transita. Com os três exemplos na ficção atual, queremos adicionar a esse processo de leituras e reenvios críticos, como já dito, um quarto elemento. Esse elemento diz respeito às novas reconfigurações do problema da subalternidade, especialmente após a revolução teórica e metodológica estabelecida pelos Estudos Culturais e Pós-coloniais. Para

isso, precisamos avançar nas questões já encaminhadas por Hollanda e Paz e relidas com propriedade por Santiago.

Santiago (2006, p. 37) propõe submeter as reflexões de Paz e Hollanda à atividade desconstrutora para que “a nova leitura se abra a uma *avaliação* atual e mais justa da contribuição dos dois grandes pensadores”. Neste sentido, Santiago, apoiado em Jacques Derrida, propõe a suspensão, pelas aspas, dos termos “barão” e “pachuco” – neste momento, aboliremos os itálicos, optando pelo teatro aspado – como forma de responder, tanto às questões do presente, quanto aos reclames do passado, tornando evidente, “a ruptura do novo em relação ao velho, acentuando em troca a diferença entre o passado e o presente, diferença esta que tinha sido camuflada pela homogeneidade unívoca da velha escrita ensaística”. Com isso, Santiago reafirma o conceito de “entre-lugar”, que já havia proposto anteriormente a seus leitores.⁴

Nesses espaços de interlocução, dados pela inicial reflexão de Hollanda, por meio do “barão” e pelas pioneiras ilações de Paz, com a figura do “pachuco”, a suspensão das aspas revela o jogo intrínseco das ideologias e do poder, mas, sabedores da condição aspada de que se revestem esses conceitos entendemos que só podemos lê-los sob o signo de uma representação, ao mesmo tempo restauradora de um pensamento hegemônico, enquanto que, por outro lado, estabelece o vazio como condição reflexiva, já que os vazios também são lugares – mais adequadamente, *entre-lugares* – ou espaços que uma matemática cultural insiste em não reconhecer.

A representação do “barão” e do “pachuco”, segundo Santiago, se prestam à leitura desconstrutora. A identidade latino-americana, quando deixa de ser pensada por meio de uma marca de diferenciação única, demanda os vários registros possíveis que vão traçar as rotas de novas reconfigurações. A figura do “barão”, que Hollanda percebe dominante na construção do *modus vivendi* e *operandi* das classes dominantes brasileiras, não escapou às lentes críticas da literatura, especialmente na obra de Machado de Assis, mais especificamente, em seu *Brás Cubas*. Naquele romance já eram encenadas as paradoxais contaminações entre o público e o

⁴ Em *Uma literatura nos trópicos*, estudo de 1978, Santiago já discutia os embates entre duas civilizações que se desconhecem mutuamente, a do Velho e a do Novo Mundo. Neste ensaio, Santiago trata desse *entre-lugar*, que o discurso privilegiado da literatura encena e reencena, habilmente. Para ele, “o escritor latino-americano nos ensina que é preciso liberar a imagem de uma América Latina sorridente e feliz, o carnaval e a *fiesta*, colônia de férias para turismo cultural” (SANTIAGO, 2000, p. 26), situando-a nas aporias do sacrifício e do jogo; entre a prisão e a transgressão; entre o código a que se submete e a transgressão a ele: “ali, nesse lugar aparentemente vazio, seu templo e seu lugar de clandestinidade, ali, se realiza o ritual antropofágico da literatura latino-americana” (SANTIAGO, 2000, p. 26).

privado e no seu bojo Machado percebia as contradições da sociedade brasileira, dentre elas, as relações de trabalho, que promoviam o saber bacharelesco em detrimento das atividades manuais. Além disso, Brás Cubas viria simbolizar toda uma classe social, que por meio da propriedade, da influência política e da titulação, prescindem do suor de cada dia para ganhar o pão. O capítulo XLIII “Marquesa, porque eu serei Marquês”, em que Virgília decide-se por Lobo Neves e não por Brás Cubas, dado que aquele a faria Marquesa, expressa bem a política nobiliárquica que propiciará a Neves conquistar a titulação de Marquês por meio de uma nomeação a Ministro e, conseqüentemente, na vida privada, conquistar a preferência de Virgília no pedido de casamento. A acomodação se dará igualmente no nível dos poderosos: Virgília casará com Lobo Neves e fará de Brás Cubas seu amante.

O mundo privado confunde-se com o ambiente público e sua interlocução, tanto em uma como em outra esfera, revela a desenvoltura e desfaçatez dos que partilham as estruturas de poder, prontos a se adaptarem às conveniências com alto grau de proficiência. Entre Baronesa e Marquesa, Virgília decide pelo título mais nobre, mantendo no nível dos afetos, um caso extraconjugal.

Tais sujeitos representam um “sistema”, abstração que cai como uma luva para o mascaramento de nomes e ideologias: “Se entre nós o regime monárquico transitou como um *bestializado* para o republicano, o regime escravocrata transitou para o regime de trabalho livre sem atacar e desatar o nó da condição do subalterno, que é o da escravidão” (SANTIAGO, 2006, p. 230). Assim, as mudanças políticas e sociais não resultam, no plano concreto, em efetiva transformação e alternância no poder. Esses paradoxos são espécies de máscaras a esconder movimentos pendulares. Deste modo, a cordialidade “que o brasileiro assume é a *deformação* do íntimo, do familiar e do privado” (SANTIAGO, 2006, p. 244). A máscara do sujeito cordial preserva, por um lado, o familiar e o íntimo, enquanto que, por outro, camufla as duvidosas regras do jogo na esfera pública, mantendo, portanto, a supremacia do indivíduo sobre o corpo social. O individualismo, ou personalismo, como preferiu Hollanda, mostra-se presença soberana em nossas relações sociais.

Já o “pachuco”, com seu misto de distância e provocação, de disfarce e vida inventiva, exercita, com seu individualismo, um estilo original de vida. Com suas roupas extravagantes, exageradas, ele se exhibe em praça pública em toda sua ambiguidade, salvando-se “da mesmice humilde e humilhada que é típica do subalterno” (SANTIAGO, 2006, p. 47). Com isso, o “pachuco” expressa, de certa forma, o processo de americanização global que se

agigantava no Pós-guerra, mas, de outra mirada, no plano individual recusa a condição de espelho. Sujeito paradoxal e também pendular, o “pachuco” pode complementar o “barão”, não como seu antípoda, mas como sujeito que revela as deformações nas fronteiras porosas do privado e do público.

Paz e Hollanda pensaram uma poética da identidade e da subalternidade a partir de nossa condição de latino-americanos. Hoje, sob a mirada dos estudos de gênero, Pós-coloniais, *queer*, dentre tantos outros, a figuração literária do subalterno tem muito a nos ensinar, observou Silviano Santiago. O convite à leitura de três ficções contemporâneas visa apontar algumas inquietações, sem no momento resolvê-las integralmente, mas deixando-as suficientemente demarcadas para que as suplementemos, futuramente. Vejamos.

3. Literatura em cenas

A leitura introdutória de três romances e sua inserção neste estudo teórico procura redimensionar os problemas suscitados pela reflexão pioneira de Roberto Fernández Retamar. O apoio da revisão crítica das obras de Sérgio Buarque de Hollanda e Octavio Paz feita por Silviano Santiago nos levou a compreender as distinções e homologias estruturais que levaram o brasileiro e o mexicano a uma tipologia dos sujeitos no Novo Mundo. Essas discussões, sob o ponto de vista de uma cultura cada vez mais planetária, nos auxiliam a pensar novas especificidades, na compreensão desses sujeitos definidos como globais, multiculturais, em trânsito, ou por quaisquer outras nomenclaturas do tipo. Neste sentido, a literatura foi eleita para nos auxiliar no trato o mais aberto possível desses temas. Com *O filho da mãe*, de Bernardo Carvalho; *Desde que o samba é samba*, de Paulo Lins; e *Festa no covil*, de Juan Pablo Villalobos, queremos inserir a leitura literária no debate teórico contemporâneo, problematizando a noção de subalternidade, sempre questionando as aporias que desafiam as interpretações correntes sobre a dicotomia, diferença e alteridade.

A acreditar nas ideia de que novas configurações daquele que chamamos de sujeito subalterno estão a clamar novas problematizações, lemos o romance *O filho da mãe* como obra aberta a essas inquietações. Os personagens centrais, Andrei e Ruslan, encenam o drama dessas novas subalternidades. Andrei e Ruslan são jovens homossexuais que vivem situações assemelhadas. Sua condição de desterritorializados, de híbridos monstruosos aos olhos das sociedades em que vivem, os tornam subalternos de outras categorias. Andrei é filho de brasileiro com uma russa; Ruslan, de uma russa com um tchetcheno. Na Tchetchênia de

Ruslan, entende-se que o homossexualismo não existe; na Rússia, a homossexualidade é um caso de Estado, entretanto, é com o dinheiro da prostituição dos recrutas com magnatas que os quartéis recebem recursos para se manterem. O russo Andrei é um desses soldados prostituídos. Os dois são desterrados em seus próprios países. Ruslan escapa da guerra na Tchetchênia e entra ilegalmente na Rússia, de onde pretende fugir; Andrei é obrigado pelo padrasto a servir no exército russo e combater na Guerra da Tchetchênia, enquanto sua mãe tenta desesperadamente enviá-lo ao Brasil para viver com o pai. Andrei e Ruslan se conhecem, se apaixonam, mas sua história de amor só pode acabar de forma trágica. Esse destino é retratado em passagens da obra, como no exemplo:

É possível que não se dê conta de que terminou por associar o sexo às ruínas e ao risco, à força de tê-lo descoberto em meio a uma guerra, e de buscá-las, as ruínas, sempre que encontra alguém, por ter sido obrigado a reconhecer nelas o cenário reconfortante do lar onde já não há possibilidade de reconforto. Quando não há mais nada, há ainda o sexo e a guerra. O sexo e a guerra são o que todo homem tem em comum, rico ou pobre, educado ou não. A ideia de uma vulnerabilidade maior que a sua lhe desperta amor. Para Andrei, ao contrário, a euforia silenciosa vem da descoberta e da estranheza, da novidade de intuir que ali, de alguma forma, em meio ao que resta do mundo perdido à sua volta, compartilha a memória afetiva do homem ao seu lado. E que assim está menos só (CARVALHO, 2009, p. 139).

As circunstâncias que cercam os dois jovens expressam as contradições de um mundo em que as identidades, expostas a novas relações, e no rastro da promessa de respeito às diferenças, entretanto esbarram nas contradições do mundo da vida. O problema da diferença se reveste de condições históricas e culturais e não há univocidade no conceito, visto que a subalternidade é condição da convivência social e das regras geopolíticas, institucionais, religiosas.

A condição de subalternidade representada através das personagens *de O filho da mãe* é transnacional e transcultural. A questão da homossexualidade, que os une e ao mesmo tempo os torna híbridos monstruosos em suas respectivas culturas, não está circunscrita aos temas da nação e do território. Ela é supraterritorial, pois coloca na condição de subalternos os sujeitos de quase todas as culturas do globo. É uma espécie de invasão bárbara, não respeita fronteiras e, portanto, tida como perigo iminente. Ela ameaça a organização privada da família e a instituição religiosa. Porosa, perpassa as esferas públicas, tornando-se, como no caso brasileiro, questões estrutural que ata o mundo jurídico-legislativo ao campo da vida privada.

O filho da mãe encena ainda a condição híbrida da dupla nacionalidade dos protagonistas. O que seria uma vantagem, na verdade reforça o paradoxo da vida vivida entre

ruínas: Andrei e Ruslan não podem *ser*, nem em um nem em outro território. A ameaça que sobre eles paira não se circunscreve à terra hostil de que provêm. Seu problema transcende fronteiras, aporia que se resolve na trágica morte dos dois jovens. A morte representa metaforicamente a impossibilidade de uma saída: ela dá o tom negativo com que Carvalho vê a existência de novas configurações identitárias. Esse tom negativo só se reverte pela possibilidade de uma ética da amizade, expressa na figura do *kunak*. Segundo as tradições inguches, o *kunak* é um estrangeiro ou membro de um outro clã, tribo ou nacionalidade com que se estabelece um pacto de solidariedade e proteção, em uma relação de fraternidade.

Assim, se no plano da intriga a morte coroa um circuito fechado em que os sujeitos subalternos são enredados, no plano filosófico o romance se abre para uma saída ética. A hospitalidade, representada na figurado *kunak* é uma das possibilidades da *philia*, no sentido do predomínio dos afetos. Será essa retomada de uma nova definição dos afetos que circunscreve a questão do romance na esfera das políticas-vida, na contemporaneidade.

Se em *O filho da mãe* a discussão sobre os sujeitos subalternos se dá pela questão da diferença sexual e no nível das afetividades, em *Festa no covil*, de Juan Pablo Villalobos, a discussão sobre subalternidade ganha contornos bastante diversos. O romance, narrado por uma criança, Tochtli (coelho, em asteca), filho e herdeiro de um narcotraficante, Yolcault (serpente-cascavel, em asteca), se passa quase totalmente em uma fortaleza do Narcotráfico, localizada em um lugar indefinido no México, porquanto sigiloso, em que vivem pouco mais de uma dúzia de pessoas, incluindo o narrador.

Sob certos sentidos, a condição de marginalidade de Tochtli torna-se bastante problemática, na medida em que a personagem se situa no centro de um certo poder, o do narcotráfico. Esse poder localiza-se à margem dos poderes constituídos, daí Tochtli, ao mesmo tempo, ser e não ser, sob este aspecto um sujeito subalterno. A condição de criança em um mundo de adultos também o coloca em um *entre-lugar*. Como artifício literário, a ele é dada uma voz, mas esta é a do autor-modelo, criado pelo autor empírico que o representa, fazendo-se passar por uma criança. Novamente, a condição de subalternidade se apresenta, agora já no nível da própria linguagem literária, pois o que chamamos de literatura infantil – e *Festa no covil* não é obra do gênero – na verdade é uma representação do/pelo outro. Sem voz própria, a criança é reapresentada, imaginada pelo escritor, que por ela se faz passar no “como se” da literatura. Levando-se essa questão às esferas da representação literária, vemos que as vozes neste romance estão expostas a essa condição do “falar-como” e do “falar-por”. A

literatura, por conseguinte, é encenação das falas de um eludido e por isso ela é discurso privilegiado: nela, há uma fala aspada, conforme Santiago apontou.

Em *Festa no covil*, a condição de criança transforma o narrador em consciência crítica do mundo de violência que o rodeia. A lente da inocência torna este mundo muito mais terrível. Tochtli é fascinado por poucas coisas. Em sua solidão, coleciona chapéus do mundo inteiro; tem obsessão por cabeças cortadas, e por isso desfia um rosário de histórias sobre reis e guilhotinas; e possui um mini-zoológico, para o qual pretende adquirir um hipopótamo anão da Libéria. No seu dia a dia entediante, já que não pode sair do palácio, ouve ou presencia as falcatruas, os negócios com drogas, os assassinatos e as jogadas políticas escusas. Seu “País das Maravilhas” inclui um séquito de serviçais, dos quais seu professor, Mazatzin – forma reverencial de Mazatl, nome de origem Náhuatl, que serve para designar os grupos étnicos das províncias de Mazatán e Mazatlán, local onde pode se encontrar uma grande quantidade de cervos – é uma espécie de duplo da personagem. Outrora rico, Mazatzin teve sua fortuna roubada por seu sócio, após um período de isolamento em que pretende escrever literatura, projeto fracassado, dado que a inspiração não veio. Com isso, Mazatzin passa a representar para Tochtli o contraponto entre a cultura literária e a cultura da vida:

Às vezes eles sabem coisas erradas, como que pra escrever um livro você tem que ir morar numa cabana no meio do nada e no alto de um morro. Quem diz isso é o Yolcaut, que os cultos sabem muita coisa dos livros, mas não sabem nada da vida. A gente mora no meio do nada, mas não é para se inspirar. A gente está aqui para proteção (VILLALOBOS, 2012, p. 13).

Com Mazatzin e Tochtli, *Festa no covil* encena duas formas de não saber: o da literatura, que, pretendendo-se profunda, esquece de que é apenas mais uma das formas de conhecimento do mundo; e o da vida, pois jamais teremos acesso à realidade de forma integral e definitiva. Desta forma, as relações dos sujeitos com o mundo passam a ser determinadas por seu posicionamento diante da realidade: a condição de criança já torna Tochtli um sujeito subalterno; mesmo sendo um espécie de príncipe no mundo do narcotráfico, ele se situa nos círculos da marginalidade. Tochtli nos informa, enquanto aprende e apreende o mundo a seu redor, que sua condição é a do sujeito no *entre-lugar*.

O trânsito entre o mundo da vida e o mundo da arte pode ser sintetizado na relação entre morro e asfalto, em *Desde que o samba é samba*, de Paulo Lins (2012). Como Tochtli, as personagens de Lins transitam entre mundos contíguos, bastante próximos, entretanto, em tensão. A história do surgimento do samba revela uma geografia peculiar, em que morro e asfalto são lidos como realidades antagônicas, mas que o romance se esforça em ficcionalizar

sob o signo da negociação. Da mesma forma que em *O filho da mãe* e *Festa no covil*, somos remetidos a universos geográficos, sociais e culturas em tensão, no romance de Lins a vitoriosa trajetória do samba historiciza as relações de força nos campos intelectual e social. Da mesma forma que Mazatzin e Tochtli não compreendem o real que os rodeia, o malandro Brancura, uma das figuras centrais do romance de Lins (2012, p. 12), tem suas aspirações de “fazedor de versos bonitos, de criador de melodias intocáveis”, assim com as de “Bide, Silva, Bastos, Baiaco, Edgar e tantos outros ali de sua área que tinham a arte como religião” confrontadas com a realidade do mundo da marginalidade em que vive. Sua história também é de queda no mundo da vida que o chama para a marginalidade. Melhor sorte a do compositor Ismael Silva (apenas Silva, no romance), também ele marginal – negro, pobre, homossexual e sambista, em um tempo em que isso significava contravenção. Silva ascende pela arte e, ao contrário de Brancura, transgride e transforma o mundo da vida. A trajetória vitoriosa de Silva e do gênero musical do qual foi um dos criadores é parte da história do Rio de Janeiro, que nas primeiras décadas do século XX via despontar na história sujeitos subalternos responsáveis pelo surgimento das escolas de samba e dos primeiros desfiles oficiais.

O mundo do asfalto e o mundo do morro são realidades cambiantes: as transgressões do submundo – prostituição, roubo, drogas – são homólogas à corrupção policial, à convivência das autoridades com o crime, ao tráfico de sambas, cuja autoria era forjada em negócios que marcaram o início da indústria fonográfica no Brasil. Nesta história comparecem personagens históricas, como Drummond, Bandeira, Mário de Andrade, dentre tantos outros. Tampouco os sujeitos subalternos de então, hoje reverenciados, ficaram de fora do universo de Lins. Também a Umbanda, religião marginalizada, determinante na consolidação do samba, é elemento essencial no romance. *Desde que o samba é samba* é o correlato mais próximo do que pensou Octavio Paz em relação ao “pachuco”. No universo do samba, o malandro – com suas roupas singulares, com seus gestos amaneirados e seu idioleto – integra-se ao sistema, porém subvertendo-o, distorcendo e descosendo suas regras.

Com os três romances, quisemos estabelecer uma tipologia introdutória da ficção contemporânea. Com as questões da mobilidade e da clausura as obras estabelecem a movência como condição de ser-no-mundo dos sujeitos subalternos. Mas a realidade de clausura do mundo da vida líquida está a lembrar que em todas as formas de negociação há impasses e impedimentos, que Hollanda e Paz perceberam, ao eleger a questão identitária como essencial ao estudo das especificidades dos sujeitos no Novo Mundo. A mundialização

da cultura, traduzida pelo nome de globalização, mostra o quanto a velocidade das mudanças em choque com os movimentos de contenção requer um pensamento alerta, atento para o que a realidade reclama. Circular por este campo minado é a tarefa do intelectual e do pensamento crítico. Essa tarefa requer disposição para o embate com o mundo. Shakespeare já o sabia, quando percebeu que a modernidade já se anunciava desconjuntada. A tempestade moderna nos atirou na ilha deserta que Próspero dominará. Lá, lealdade e traição, poder e resistência, hegemonia e subalternidade engendram os novos Calibans: nem heróis, nem marginais, mas sujeitos expostos ao paradoxal e perigoso, porém vibrante, mundo das relações líquidas.

Conclusão

Como dito no início desta reflexão, este trabalho se revestiu de um caráter introdutório para discutir os limites e alcances da questão da subalternidade. Para tanto, valeu-se das pioneiras incursões de Sérgio Buarque de Hollanda e Octavio Paz, lidos contemporaneamente por Silviano Santiago. De Paulo Lins, Bernardo Carvalho e Juan Pablo Villalobos lemos, respectivamente, *Desde que o samba é samba*, *O filho da mãe* e *Festa no covil* sob o crivo da análise desconstrutora sugerida por Silviano Santiago. Com isso, discutimos as possibilidades de se reconfigurar o problema da subalternidade a partir da provocação literária. Vimos que as locações da cultura, os locais de fala denotam as aporias de que se revestem as representações, além de estabelecer novas formas de trânsito entre sujeitos no mundo líquido de que somos parte. O mundo globalizado requer mobilidade, mas é incapaz de reter as forças de clausura. Trânsito, negociação, fronteira, passagem são alguns dos temas que nos convocam a pensar a subalternidade. O discurso aberto da literatura, suficientemente ambíguo e plurissignificativo, é local passagem, instável. A questão subalternidade como forma de compreensão das relações interpessoais do mundo da vida, nos lança no imediato do real, no presente, com que lidamos, seja no concreto das ações ou pela representação delas. Neste recanto de margens, intuímos a literatura analisada aqui distende as reflexões de Hollanda, Paz e Santiago, e a leitura literária pode nos dar algumas respostas provisórias, que sabemos inconclusivas, mas que são essenciais à sobrevivência daquilo que atende pelo nome de reflexão.

Referências bibliográficas:

CÂNDIDO, Antônio. O significado de Raízes do Brasil. In: HOLLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 18. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986, p. xxxix-lII.

CARVALHO, Bernardo. *O filho da mãe*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

HOLLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 18. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986.

JAMESON, Fredric. Foreword. In: RETAMAR, Roberto Fernández. *Caliban and other essays*. 6. ed. Minneapolis: University of Minneapolis Press, 2005, pp. vii-xii.

LINS, Paulo. *Desde que o samba é samba*. São Paulo: Planeta, 2012.

PAZ, Octavio. *O labirinto da solidão*. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

RETAMAR, Roberto Fernández. *Caliban and other essays*. 6. ed. Minneapolis: University of Minneapolis Press, 2005. [Edição Brasileira: RETAMAR, Roberto Fernández. *Caliban e outros ensaios*. São Paulo: Busca Vida, 1988].

SHAKESPEARE, William. *The tempest*. London: Penguin Books, 1995.

_____. *A tempestade*. Porto Alegre: L&PM, 2015.

SANTIAGO, Silviano. *As raízes e o labirinto da América Latina*. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

_____. O entre-lugar do discurso latino-americano. In: _____. *Uma literatura nos trópicos.: ensaios sobre dependência cultural*. 2. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000, p. 9-26.

VILLALOBOS, Juan Pablo. *Festa no covil*. São Paulo: Companhia das letras, 2012.

Recebido em 10/08/2015.

Aceito em 29/08/2015.